

Os desafios teórico-práticos da definição terminológica

Theoretical and practical challenges of terminological definition

Ana Maria Ribeiro de JESUS (UFES)
ana.m.jesus@ufes.br

Recebido em: 19 de set. de 2020.
Aceito em: 28 de out. de 2020.

JESUS, Ana Maria Ribeiro de. Os desafios teórico-práticos da definição terminológica. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 2, e2090, p. 380-396, mar. 2022. DOI: 10.22168/2237-6321-11esp2090.

Resumo: O objetivo do presente artigo é discutir alguns desafios que podem se apresentar na fase de elaboração das definições nos trabalhos terminológicos. Esses desafios relacionam-se, principalmente, com as propostas teóricas mais tradicionais. Os termos e conceitos que irão ilustrar essa reflexão são da área da Astronomia, ciência que conta cada vez mais com o avanço tecnológico para impulsionar suas pesquisas e descobertas, o que conduz, frequentemente, à revisão de conceitos já estabelecidos. Por isso, na dimensão empírica, alguns desafios do âmbito conceitual são próprios dessa área do saber, mas, em sua maioria, são comuns a todas as línguas de especialidade. Os pressupostos teóricos baseiam-se nos estudos de Cabré, (1993), Sager (1993), Finatto (2002), Bédard (2009) e Barité (2017) e expõem as principais concepções sobre a definição terminológica. A metodologia seguiu os passos propostos pela pesquisa em Terminologia: coleta do *corpus* e tratamento na ferramenta computacional específica, extração semiautomatizada dos candidatos a termo, validação dos termos, criação do sistema conceitual e elaboração de definições. A análise dos termos *Via Láctea*, *anel*, *planeta* e *planeta*

anão, por meio de uma perspectiva descritiva, demonstra as duas principais tendências dos estudos sobre definições em Terminologia: a abrangência conceitual que vai além da clássica categorização binária “gênero e diferenças” e o reconhecimento da interferência subjetiva, cultural e discursiva nos enunciados definitórios.

Palavras-chave: Definição terminológica. Relações conceituais. Terminologia. Enunciado definitório.

Abstract: The objective of this article is to discuss some challenges that may arise during the elaboration of definitions in terminological studies. These challenges are mainly related to traditional theoretical proposals. The terms and concepts that will illustrate this discussion are from the field of Astronomy, a science that relies more and more on technological advances to boost its research and discoveries, which often leads to the revision of some concepts. For this reason, in the empirical dimension, some challenges in the conceptual sphere are specific to this area of knowledge but, to a large extent, they are common to all specialty languages. Theoretical assumptions are based on studies by Cabré, (1993), Sager (1993), Finatto (2002), Bédard (2009) and Barité (2017) and expose the main conceptions on the terminological definition. The methodology followed the steps proposed by research in Terminology: collection of the *corpus* and treatment by the specific software, semi-automatic extraction of term candidates, validation of terms, creation of the conceptual system and elaboration of definitions. The analysis of the terms *Milky Way*, *ring*, *planet* and *dwarf planet*, through a descriptive perspective, demonstrates the two main trends of studies on definitions in Terminology: the conceptual scope that goes beyond the classic binary categorization “gender and differences” and the recognition of subjective, cultural and discursive interference in terminological definitions.

Keywords: Terminological definition. Conceptual associations. Terminology. Definition statements.

Introdução

As inquietações a respeito da possibilidade de haver uma estrutura ideal e padronizada para as definições terminológicas são frequentes nas propostas teóricas e metodológicas dos estudos lexicais e se renovaram ao longo de todo o percurso da disciplina. Teóricos e equipes de organismos normativos de políticas linguísticas questionam qual deve ser a organização interna de uma definição, sua extensão, seu nível informacional, seu grau de didatismo etc. E esses questionamentos fundamentam-se já que, ao constituir uma das formas de intercompreensão dos sentidos de uma unidade lexical, a definição revela-se essencial nas situações comunicativas da língua geral e das línguas de especialidade.

A fase de redação das definições depende de passos importantes dados ao longo do trabalho terminográfico, como a coleta do *corpus* textual da área com a qual se vai trabalhar e a estruturação do sistema conceitual com os termos validados, além do registro das informações conceituais em fichas terminológicas. O tipo de obra a ser elaborada

também compõe esse cenário. Para tanto, define-se o público-alvo, o recorte temático, o registro linguístico e outras informações que se julgarem adequadas. O suporte de que se dispõe – manual ou automatizado – pode, igualmente, exercer influência na configuração das definições.

O objetivo do presente artigo é discutir alguns desafios que podem se apresentar na fase de elaboração das definições nos trabalhos terminológicos. Esses desafios relacionam-se, principalmente, com as propostas teóricas mais tradicionais. Os termos e conceitos que irão ilustrar essa reflexão são da área da Astronomia, ciência que conta cada vez mais com o avanço tecnológico para impulsionar suas pesquisas e descobertas, o que conduz, frequentemente, à revisão de conceitos já estabelecidos.

A comunidade científica da área reconhece que a nomenclatura astronômica não é elementar: apesar de exercer fascínio sobre a maioria das pessoas, a Astronomia “apresenta alguma dificuldade para quem toma contato com ela pela primeira vez, porque seu assunto é remoto e não familiar, envolvendo ideias novas e utilizando uma nomenclatura específica” (OLIVEIRA FILHO; SARAIVA, 2017). As mudanças de paradigma que ocorreram ao longo da história dessa ciência, a evolução da instrumentação de observação espacial e a alteração de pontos de vista teóricos levantam questões fundamentais sobre as relações conceituais e os traços definitórios dos termos do domínio. Por isso, na dimensão empírica, alguns desafios do âmbito conceitual são próprios dessa área do saber, mas, em sua maioria, são comuns a todas as línguas de especialidade.

Pressupostos teóricos: Definições de definição

Nas diferentes perspectivas dos estudos lexicais, é comum a distinção entre a *definição terminológica* e a *definição lexicográfica*. Esta última, também denominada *definição linguística* por Barité (2017, p. 59), abrange um ou mais significados de uma unidade lexical, enquanto a definição terminológica busca estabelecer os sentidos de um termo no âmbito de uma área especializada. Essa distinção ramifica-se e estabelece particularidades quanto aos objetos, às finalidades e aos procedimentos de cada um dos dois tipos.

Ao abordar o tema, Bédard (2009, p. 5) retoma a clássica discussão a respeito do *significado* versus *conceito* (ou *noção*). O

significado, ligado à definição lexicográfica, inclui, geralmente, uma dimensão conotativa e cultural que lhe confere riqueza semântica e que externa, dentre outros fenômenos, as crenças, atitudes, gostos ou costumes dos falantes de determinada língua. O *conceito* está ligado à definição terminológica e relaciona-se com a disposição dos termos em um *sistema conceitual*. Assim, a finalidade de uma definição terminológica é descrever um conceito designado por um termo e o caracterizar com relação a outros conceitos dentro de um sistema estruturado.

A perspectiva geralmente adotada na prática terminológica tradicional considera que o *conceito* apresenta apenas uma dimensão designativa ou denotativa. A prática, entretanto, faz emergirem questionamentos sobre esse ponto de vista: mesmo que as definições, em muitas línguas de especialidade (se não em todas elas), sejam elaboradas a partir de um ambiente sistematizado por um campo conceitual, elas estão carregadas de circunstâncias históricas e convicções que acompanham determinado termo e que determinam seu status vigente. Por isso, nas discussões sobre a dimensão designativa, percebe-se, cada vez mais, que uma separação estrita entre conceitos e significados pode ser limitante.

No entanto, a organização hierárquica dos termos em uma árvore do domínio, tradicional nos trabalhos terminológicos, mostra-se funcional para a determinação das relações conceituais da língua de especialidade em pauta. Desse modo, as expressões que constituem os traços definitórios de um termo podem ser provenientes dessa estruturação terminológica previamente elencada. A esse respeito, esclarece Sager:

Na medida em que os termos de determinado campo temático representam a estrutura de conhecimento normalmente aceita nesse campo, podemos definir o conceito de determinado elemento mediante a delimitação de sua posição com relação a todos os outros conceitos no campo de conhecimento a que pertence naquela ocasião (SAGER, 1993, p. 71).¹

De acordo com essa concepção, uma definição terminológica apresenta traços cuja interpretação depende do campo temático que categoriza o termo, ainda que o enunciado definitório possa assumir

¹ En la medida en que los términos de un campo temático en particular representan la estructura de conocimiento normalmente aceptada de ese campo, podemos definir un concepto de una materia concreta mediante la delimitación de su posición respecto a todos los otros conceptos en el campo de conocimiento al que pertenece en ese momento.

configurações diversas. Thoiron (1996, p. 517) sintetiza esse passo metodológico afirmando que um termo só pode assumir pleno significado na medida em que se insere em um sistema conceitual. O autor estende a reflexão à decomposição dos traços que formam os conceitos: um traço conceitual correspondente a um elemento denominativo também pode ser composto por vários traços conceituais, passíveis de ser evidenciados em uma análise mais aprofundada.

As relações conceituais atreladas à estruturação da definição terminológica, no entanto, são complexas e de difícil delimitação. Em busca estabelecer uma categorização, Roche (2008, p. 61) faz uma distinção importante entre três tipos: *relação genérica*, que ordena conceitos de natureza comparável, ligados entre si se a compreensão do primeiro (genérico ou superordenado) estiver inclusa na compreensão do segundo (específico ou subordinado); *relação partitiva*, que não impõe restrições quanto à natureza de seus constituintes e exprime uma relação interna entre um todo (conceito integrante) e suas partes (conceitos partitivos), não havendo subordinação da parte ao todo; *relação associativa*, que também não impõe restrições quanto à natureza de seus constituintes, mas compreende relações externas entre conceitos, baseadas na experiência – relações causais, temporais e espaciais, por exemplo. Esses diferentes tipos de relação estruturam os termos enquanto sistemas de conceitos: genérico, partitivo, associativo e misto (quando ocorre combinação das relações).

Os pressupostos de que a definição terminológica se associa às relações conceituais levam a dois tipos de definição, como estabelece a literatura dos estudos lexicais. As relações hierárquicas (genéricas e partitivas) constituirão a *definição por compreensão* e a *definição por extensão*. No manual do organismo normativo *Office québécois de la langue française*, Bédard (2009) afirma que, na prática terminológica, raramente se utiliza a definição por extensão, já que ela consiste na simples enumeração dos termos específicos ou partitivos ao termo definido. A definição por compreensão, por sua vez, é a “mais adequada e a mais usual em terminologia”. Ela consiste em “situar um conceito em uma classe de objetos para, em seguida, distingui-lo dos conceitos relacionados” (BÉDARD, 2009, p. 8)², ou seja, de todas as outras classes do mesmo sistema conceitual.

Essa retomada da concepção lógico-aristotélica, que categoriza a distribuição da carga sêmica em um paradigma definicional, com

² [...] situer un concept dans une classe d'objets puis à le distinguer des concepts connexes.

interesse voltado às propriedades–objeto dentro de um campo do saber, ainda parece ser a concepção mais próxima ao que se costuma chamar de “boa definição” nos estudos terminológicos. Nessa concepção, são enfatizadas as relações genéricas (gênero/espécie) e partitivas (todo/parte). Cada uma delas serve-se da clássica categorização binária *gênero próximo + diferenças específicas*. O gênero próximo tem função de descritor inicial do texto definitório e resgata o conteúdo conceitual de seu hiperônimo e, portanto, das características gerais do termo que está sendo definido, expressando, assim, a categoria ou classe geral a que pertence o termo. As diferenças específicas apresentam as particularidades que distinguem o termo dos outros de uma mesma classe. Nota-se uma herança da teoria terminológica clássica, que reconhece apenas a definição analítica (possível pela hierarquia).

Dentro dessa perspectiva lógica, tradicional em Terminologia, nem sempre é possível estabelecer os limites do que constitui as características (ou traços distintivos) intrínsecas e extrínsecas do conceito cujo termo está sendo definido. Os questionamentos levantados por Roche (2008) ilustram a problemática da delimitação do caráter distintivo entre os conceitos: “se a inclusão da extensão de um conceito na extensão de outro implica que a compreensão do primeiro contém a do segundo, isso não basta [...] para que os conceitos sejam ordenados. De fato, nada garante a existência de um caráter distintivo. Em determinada situação, como interpretar o fato de que um mesmo objeto possa derivar de dois conceitos diferentes que não possuem nenhuma ligação na hierarquia?” (ROCHE, 2008, p. 61). Encontramos esse cenário na área da Astronomia nas seguintes eventualidades:

- quando há necessidade de definir termos com significados “mutáveis”;
- quando o “gênero próximo” e as “diferenças específicas” têm limites pouco definidos ou não podem ser claramente estabelecidos;
- quando se lida com termos de tipo metafórico, subjetivos, além de alguns neologismos.

³ Cependant, si l’inclusion de l’extension d’un concept dans l’extension d’un autre implique bien que l’intension du premier contient celle du second, cela ne suffit pas [...] à ordonner les concepts. En effet, rien ne garantit l’existence d’un caractère distinctif. Dans une telle situation, comment interpréter le fait qu’un même objet puisse relever de deux concepts différents qui n’entretiennent aucun lien hiérarchique?

Na esteira de Roche, outros autores abordaram as restrições da concepção tradicional de definição terminológica. Finatto (2002) relata que não são nítidas as fronteiras sobre onde está ou onde termina o *gênero* e onde começa a *diferença* em uma definição. A autora apresenta o modelo da “representação proposicional” como um parâmetro moderno na descrição e análise linguística que vai além dos limites do *gênero próximo* e da *diferença específica*:

Nessa perspectiva, que tem sido aproveitada pela Terminologia linguística, o conceito ou significado expresso pela definição de uma palavra ou de um conceito é depreendido pela relação básica argumento-predicado. Assim, o enunciado passa a ser “traduzido” ou reescrito com o auxílio das proposições, que, presumidamente, estão explícitas ou subjazem ao enunciado concreto. São indicadas, então, as categorizações ou predicacões referidas ao termo ou palavra que está sendo definido (FINATTO, 2002, p. 86).

No estudo feito por Sager (1993), podemos verificar o reconhecimento de outras estratégias definicionais. Para o autor, deve-se considerar a definição como um procedimento que se serve de vários métodos, uma vez que poucas definições seguem efetivamente o padrão clássico “*gênero e diferença*”. Dessa forma, uma teoria terminológica relevante deve admitir a gama tipológica de definições que vem sendo empregada pelos autores de dicionários. Sager apresenta uma lista descritiva dessa tipologia, constante de sete mecanismos conceituais:

1. Definição por análise (*gênero e diferença*)
Exemplo: pneumonia = inflamação pulmonar
2. Definição por sinonímia
Exemplo: *software* = programa
3. Definição por paráfrase
Exemplo: *brancura* = qualidade do que é branco
4. Definição por síntese (por relação identificativa ou descrição)
Exemplo: *metatarsalgia* = condição neural dolorosa dos pés, que atinge a planta dos pés e geralmente se espalha para cima.
5. Definição por implicação (uso do termo em um contexto explicativo)
Exemplo: *diagnóstico* = faz-se um diagnóstico quando se identificam certos sintomas como característicos de uma condição especial.

6. Definição por denotação (por enumeração de exemplos ou por extensão)
Exemplo: oceano = oceanos são o Atlântico, o Pacífico e o Índico.
7. Definição por demonstração (definição ostensiva)
Exemplo: desenhos, imagens, referência situacional.

Além desses modelos, há definições que combinam vários dos mecanismos acima, classificadas por Sager como definições mistas. Essa perspectiva descritiva da redação de definições demonstra, principalmente, duas tendências dos estudos do sentido em Terminologia: a abrangência conceitual que vai além da clássica categorização binária “gênero e diferenças” e o reconhecimento da interferência subjetiva, cultural e discursiva nos enunciados definitórios.

Características das definições terminológicas

A concisão é uma das principais recomendações que vigoram em grande parte dos textos sobre redação de definições terminológicas (BÉDARD, 2009; BARITÉ, 2017; CABRÉ, 1993, entre outros). Não se trata de uma regra sempre seguida nos trabalhos terminológicos, mas essa forma de apresentação das definições busca torná-las mais curtas e mais objetivas. Bédard enuncia o *princípio da concisão* da seguinte forma:

Uma definição deve ser objetiva e breve, descartar qualquer redundância e palavras desnecessárias e privilegiar termos que permitam a síntese de perífrases. O princípio da concisão exige que o redator se atenha aos traços essenciais e necessários, porque qualquer acúmulo excessivo de traços pode transformar a definição em um desenvolvimento enciclopédico (BÉDARD, 2009, p. 12)⁴.

Dentro desse princípio, a recomendação relativa à extensão frasal da definição varia entre os teóricos. Cabré (1993) recomenda que as definições terminológicas devem ser compostas por apenas um período sintático, ou seja, não é necessário e/ou correto que haja vários pontos finais na definição, constituindo vários períodos. Barité (2017), por sua vez, sugere que as definições apresentem três a cinco orações, distribuídas em até dois parágrafos, e que cumprirão, ainda assim, o princípio da concisão.

⁴ Une définition doit aller directement au but et être brève, écarter toute redondance et mots inutiles et privilégier les termes permettant de synthétiser des périphrases. Le principe de concision exige du rédacteur qu'il s'en tienne aux caractères essentiels et nécessaires, car toute accumulation excessive de caractères risque de transformer la définition en développement encyclopédique.

Além da concisão, Barité (2017, p. 62-65) estabelece que as definições devem preencher outros sete requisitos: autossuficiência, clareza, correspondência, adequação, impessoalidade, consistência e atualidade. Uma definição é considerada autossuficiente se não depende de nenhum outro elemento, nem da própria expressão que a encabeça, ou seja, ela é “completa em si mesma” (ALPÍZAR CASTILLO, 1997, p. 83). O princípio da clareza está ligado à possibilidade de compreensão do enunciado definitório por parte do leitor. Para tanto, almeja-se que o texto seja simples, preciso e livre de ambiguidades. A correspondência pressupõe um percurso parafrástico: definição e termo poderiam ser intercambiáveis no contexto e situação em que se encontram. Os três princípios descritos têm como consequência o princípio da adequação: as definições devem estar adaptadas ao destinatário e aos contextos em se inserem para atender aos propósitos de comunicação e compreensão. A impessoalidade é outro requisito que, para Barité, é cumprido quando não constam elementos emotivos ou conotativos no texto definitório. Quanto à consistência, deve haver harmonia conceitual, unidade metodológica e homogeneidade de apresentação em todo o sistema de definições, que deve criar circuitos lógico-semânticos em todo repertório. O princípio da atualidade pressupõe que se definam termos de acordo com o estágio de desenvolvimento em que se encontra o domínio de especialidade com que se trabalha. Retomaremos esse princípio na análise, ilustrando-o com o conceito de “planeta”.

Metodologia

A elaboração das definições dos termos de áreas especializadas depende de todo o ciclo metodológico da pesquisa em Terminologia, que se inicia com a coleta do *corpus* e sua inserção na ferramenta computacional que irá extrair, de forma semiautomatizada, os candidatos a termo. Na presente pesquisa, compilamos um *corpus* especializado, constituído por obras científicas da área da Astronomia, e um *corpus* de divulgação, formado por revistas destinadas ao público leigo.

Para realizar o levantamento dos candidatos a termo, recorreremos ao programa *WordSmith Tools*, versão 5.0. A validação dessas unidades lexicais foi realizada à luz dos pressupostos teóricos da Terminologia, os quais propõem que sejam observados, principalmente: se os termos denominam conceitos específicos do domínio em pauta; se essas unidades se encontram definidas nos textos do *corpus* e se são

bastante frequentes; se há dependência semântica entre os elementos de um possível termo sintagmático, dentre outros (cf. CABRÉ, 1993; BARROS, 2007). Além disso, todos os termos passaram pela revisão e validação do especialista da área, professor Jacques Lépine, do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo.

Uma vez estabelecida a lista final de termos, procedeu-se à elaboração do sistema conceitual do domínio. Consideramos este passo como fundamental para a redação das definições, já que a disposição da terminologia em um mapa conceitual pode externar as associações que os termos estabelecem entre si e, ao mesmo tempo, suas particularidades. Como mostra Barité, quando se elabora a definição terminológica,

[...] não se pode perder de vista o sistema conceitual especializado a que o conceito pertence, uma vez que a definição deverá se apresentar como uma descrição de tal conceito realizada por meio do significado de outros conceitos conhecidos, os quais, em sua maioria, integram esse sistema conceitual (BARITÉ, 2017, p. 60)⁵.

A estrutura das definições foi então estipulada de acordo com o campo e subcampo conceituais a que pertencem os termos. Em seguida, os contextos explicativos e definitórios dos termos selecionados foram extraídos do *corpus*, servindo de base para a elaboração das definições.

Análise: os desafios dos “conceitos astronômicos”

Retomemos o modelo de representação proposicional descrito por Finatto (2002), que determina o procedimento do cálculo de predicados para a apreciação do enunciado definitório, de forma que o conceito seja compreendido pela relação básica argumento-predicado a partir de sentenças. Para ilustrar, tomemos como exemplo o termo *Via Láctea* nas sentenças (1) “A Via Láctea é uma galáxia” e (2) “A Via Láctea é uma galáxia espiral, localizada na borda do Grupo Local de Galáxias”. A definição seria reescrita explicitando-se as proposições da seguinte forma:

- (1) {Via Láctea (ser) galáxia}
- (2) {Via Láctea (ser) {galáxia (ser) espiral (estar em) {borda (pertencer a) Grupo Local de Galáxias}}}

⁵ [...] no puede perderse de vista el sistema nocional especializado al que el concepto pertenece, pues la definición deberá presentarse como una descripción de dicho concepto realizada a través del significado de otros conceptos conocidos, los cuales en su mayoría integrarán ese sistema nocional.

Como comenta Finatto, é evidente que, na maioria das vezes, as sentenças que constituem os textos especializados apresentam disposição sintática mais complexa e resistem a estruturações como essa, ainda que se trate de uma proposta mais ampla que a categorização *gênero próximo + diferenças específicas*. Por outro lado, esse tipo de sistematização permite que sejam mapeados os predicados e argumentos mais recorrentes em determinado domínio especializado. Em nossa análise, os argumentos das sentenças apresentadas seriam *Via Láctea, galáxia, borda, Grupo Local*, o adjetivo *espiral* e os predicados *ser, estar em e pertencer a*, gerando as estruturações (1) e (2).

A proposta de Sager (1993), por sua vez, admite o enunciado definitório como um processo aberto a metodologias diversas e descreve outros tipos de definição que ultrapassam o padrão clássico e o proposicional. Nesse sentido, o autor propõe que se reconheçam tipologias já adotadas por obras terminográficas que incluem definições por sinonímia, paráfrase, implicação, entre outras. A partir dessa proposta, foi possível tratar com mais critério os termos metafóricos do *corpus* de análise, como é o caso de *anel*. Em nosso sistema conceitual, esse termo encontra-se no campo 3.Sistema Solar⁶:

3.Sistema Solar

3.1.planeta

3.1.3.atmosfera planetária

3.1.3.7.sistema de anéis

3.1.3.7.1.**anel**

O termo não estabelece uma relação genérica com seu referente imediatamente superior: *anel* não “é” um sistema de anéis. Em vista disso, usando a proposta de Sager, julgamos coerente elaborar a definição introduzida por uma *paráfrase* (segundo elemento da tipologia), utilizando, no lugar de *sistema de anéis*, a expressão *disco de matéria*. Em seguida, são descritas as particularidades que complementam a conceituação do termo – não denominamos “diferenças específicas”, já que não se considerou um “gênero próximo” hiperonímico. O modelo de definição resultou na seguinte sistematização:

termo-entrada = {[categoria (*por paráfrase*)] + [particularidades (origem/ características/ localização)]}

⁶ Nesta amostra, por questões de espaço, não são apresentados todos os termos do campo hierárquico “Sistema Solar”, mas apenas os hipônimos de cada subcampo que levam ao termo “anel”.

Tendo por base os dados textuais constantes do *corpus*, foram anotados e sintetizados os contextos a serem enquadrados no modelo estabelecido, da seguinte forma:

- categoria (*por paráfrase*): disco(s) de matéria
- particularidades
 - origem: Origem ainda pouco compreendida. Podem resultar da fragmentação de um satélite ou podem representar o que restou da formação do planeta que o hospeda.
 - características: São pequenos corpos constituídos por gelo e grãos refratores, que giram, de forma individual, em órbitas concêntricas em torno do plano equatorial dos planetas jovianos.
 - localização: Órbitas concêntricas em torno do plano equatorial dos planetas jovianos.

Em seguida, os traços definitórios foram estruturados e aplicados ao modelo equacional acima relacionado, possibilitando, por fim, a redação da definição, que assume a seguinte configuração:

anel: disco(s) de matéria de origem ainda pouco compreendida. Pode resultar da fragmentação de um satélite ou representar o que restou da formação do planeta que o hospeda. É formado por pequenos corpos constituídos por gelo e grãos refratores, que giram, de forma individual, em órbitas concêntricas em torno do plano equatorial dos planetas jovianos.

Esse enunciado definitório cumpriria o requisito de apresentar três a cinco orações, como sugerido por Barité (2017, p. 62). Entretanto, parte dos teóricos da área atribuem caráter enciclopédico a esse tipo de enunciado e sugerem que as definições tenham a extensão de apenas um período sintático (CABRÉ, 1993; BÉDARD, 2009, entre outros). Para atender a essa recomendação e selecionar os traços mais relevantes, recorreremos ao especialista da área.

A consulta com o(a) especialista é de grande valia nessa fase, especialmente na tomada de decisão a respeito de quais informações não podem deixar de constar em uma definição de apenas um período sintático. De acordo com o astrônomo Jacques Lépine, da Universidade de São Paulo, o que a comunidade da área julga mais importante quando

procura saber algo sobre um corpo celeste são as características físicas ou morfológicas desse corpo. A origem, ou de onde surgiu o astro, segundo Lépine, é geralmente algo polêmico (vide a origem do próprio termo *anel*, acima), que acaba sendo discutido em textos mais especializados. A localização, como explica o professor Lépine, “só irá interessar a quem quiser observar, ou seja, uma minoria, que, de qualquer forma, vai querer procurar em um catálogo preciso”. Então, para a elaboração de uma definição mais sucinta e objetiva, que conste de apenas um período, consideramos somente a categoria (*por paráfrase*) + as *características* do corpo celeste, resultando, assim, no seguinte enunciado:

anel: disco de matéria formado por pequenos corpos constituídos por gelo e grãos refratores, que giram, de forma individual, em órbitas concêntricas em torno do plano equatorial do planeta que o hospeda.

Esse procedimento pode ser uma solução da problemática levantada por Roche (2008, p. 61) sobre a definição de termos que derivam de dois ou mais conceitos não relacionados hierarquicamente. Todas as línguas de especialidade podem apresentar termos que possibilitam a classificação em campos distintos da árvore do domínio, sendo a eles atribuído mais de um hiperônimo. Além disso, é fundamental que se observe a atualização dos conceitos da área pelos próprios especialistas, principalmente em áreas que contam com avanços tecnológicos para a observação e descrição de seus objetos e fenômenos: uma instrumentação mais aprimorada pode alterar os paradigmas de uma ciência, mudar a forma como os objetos são observados e levar à reavaliação de suas definições ou à criação de novos conceitos.

Esse é um processo recorrente na Astronomia, que se confundia, em seus primórdios, com a astrologia e, por isso, muitos objetos celestes foram designados com nomes de deuses da mitologia grega. A *Via Láctea*, por exemplo, por ser visível a olho nu em forma de uma faixa leitosa, foi assim designada a partir da lenda do leite derramado pelo seio da deusa Hera: “Na mitologia grega, a Via Láctea, galáxia onde o sistema solar orbita, originou-se após Hércules apertar com força o seio de Hera, enquanto era amamentado” (JUNQUEIRA, 2009, p. 21). Os planetas do Sistema Solar também foram atingidos por designações da mitologia, como *Netuno*, deus das águas e dos mares, filho do deus *Saturno* e irmão de *Júpiter* e de *Plutão*. As observações dos astrônomos da Grécia antiga foram modificadas somente no século XVI

(OLIVEIRA FILHO; SARAIVA, 2017), para, então, formarem as bases de uma ciência que, atualmente, conta com um arsenal ultra-avançado e que evolui exponencialmente.

Um exemplo recente de mudança de concepção na área ocorreu com a alteração do conceito de *planeta*, a partir de considerações sobre o “ex-planeta” Plutão. Novas descobertas de objetos de tamanhos comparáveis ou maiores que Plutão, em regiões externas ao Sistema Solar, problematizaram sua definição histórica. O termo “planeta”, do grego *πλανήτης* (“astro errante”, “viajante”), é assim designado em função de seu movimento aparente em relação às estrelas fixas da esfera celeste. A União Astronômica Internacional (UAI) reuniu-se, em 2006, para discutir o estatuto desses corpos celestes e dos objetos que formam seu subcampo, e chegou à seguinte resolução:

As observações atuais estão mudando nosso entendimento de sistemas planetários, e é importante que a nomenclatura dos objetos reflita nosso entendimento atual. Isto se aplica, particularmente, à designação “planetas”. A palavra “planeta” designava, originalmente, “errantes” que eram conhecidos apenas como luzes em movimento no céu. As descobertas recentes nos levam a criar uma nova definição, que pode ser feita a partir das informações científicas disponíveis atualmente⁷.

393

A partir dessa discussão, um corpo celeste é considerado “planeta” somente se preencher as seguintes condições:

- a. estar em órbita ao redor do Sol;
- b. ter forma determinada pelo equilíbrio hidrostático (arredondada) resultante do fato de que sua força de gravidade supera as forças de coesão dos materiais que o constituem;
- c. ser um objeto de dimensão predominante entre os objetos que se encontram em órbitas vizinhas (MELLO, 2007).

Considerou-se, assim, que as propriedades físicas e as condições dinâmicas do então nono planeta do Sistema Solar, Plutão, não o qualificava como “planeta”. O neologismo *planeta anão* foi criado para designar o corpo celeste, que teve os novos traços conceituais descritos na seguinte resolução da UAI:

⁷ Contemporary observations are changing our understanding of planetary systems, and it is important that our nomenclature for objects reflect our current understanding. This applies, in particular, to the designation “planets”. The word “planet” originally described “wanderers” that were known only as moving lights in the sky. Recent discoveries lead us to create a new definition, which we can make using currently available scientific information (Disponível em: <http://www.iau.org/ALL_NEWS.253.0.html>).

Um “planeta anão” é um corpo celeste que (a) está em órbita ao redor do Sol, (b) tem massa suficiente para que sua auto-gravidade domine as forças de um corpo rígido, de modo que ele assuma uma forma determinada pelo equilíbrio hidrostático (quase arredondada), (c) não tenha limpado a vizinhança ao redor de sua órbita, e (d) não é um satélite⁸.

Em seguida, a UAI atestou que, com exceção dos satélites, todos os outros objetos que orbitam o Sol devem ser referidos como *Corpo Menor do Sistema Solar (Small Solar-System Bodies)*. Conseqüentemente, todos os hipônimos de “planeta” sofreram alterações em seus traços definitórios. Ou seja, todos os termos de um campo cujo hiperônimo passa por mudança semântica também passam pelo mesmo processo, considerando que se somam os traços conceituais do termo mais genérico com seus traços específicos. Na Astronomia, a descoberta de um número crescente de planetas, do mecanismo de formação desses corpos e da modelagem cada vez mais refinada para as condições de aparecimento de vida também constituem recursos para estimular a criação de novos conceitos.

Essa variabilidade constante e comum em todas as línguas de especialidade – em algumas, de forma mais veloz do que em outras – mostra que o modelo de distribuição de carga sêmica dos termos que compõem um *corpus* de análise tende a ser bastante instável. Além disso, fatores como a natureza de cada termo, a abrangência conceitual ou a localização na árvore do domínio, a qual nada mais é do que uma decisão do terminólogo, particularizam ainda mais cada trabalho terminológico e cada proposta de definição. Como estabelece Finatto:

[...] adotar ou requerer um padrão de formulação uniforme, absoluto ou invariável, que possa valer para qualquer situação, ou privilegiar apenas uma forma lógica seria uma medida pouco inteligente na medida em que nos distancia da realidade da linguagem em geral e também de uma determinada linguagem técnica ou científica em uso (FINATTO 2002, p. 78).

Tendo em vista essas considerações, não se nega que a adoção de critérios para a uniformização das definições continue sendo um importante passo dos trabalhos terminológicos. Deve-se reconhecer, entretanto, que tais critérios irão conduzir à produção de um enunciado definitório com características de um *enunciado* de fato: um texto escrito a partir de uma perspectiva, dentro de um paradigma do conhecimento e carregado de historicidade.

⁸ A “dwarf planet” is a celestial body that (a) is in orbit around the Sun, (b) has sufficient mass for its self-gravity to overcome rigid body forces so that it assumes a hydrostatic equilibrium (nearly round) shape, (c) has not cleared the neighborhood around its orbit, and (d) is not a satellite. (Disponível em: <http://www.iau.org/ALL_NEWS.253.0.html>).

Considerações finais

O fenômeno de descoberta de novos objetos ou da reformulação de conceitos antigos perpassa todas as áreas do saber, em especial aquelas que seguem o curso da evolução tecnológica. A definição de *anel* acima proposta é bem aceita pela comunidade astronômica porque atende às concepções atuais da área a respeito desse conceito. Por isso, ao mesmo tempo em que uma área pode manter uma designação por tradição, casos de mudança de denominação, bem como reclassificações, são muito comuns e acompanham os pontos de vista que evoluem com a história da área.

Em nossa pesquisa, casos semelhantes ao de *planeta* e *planeta-anão*, analisados acima, ocorreram com outros termos, cujos conceitos foram reorganizados (alguns deles, várias vezes) a partir dos conhecimentos e da instrumentação de que dispunham os pesquisadores no momento da classificação. Mudanças de nomenclatura ou de traços definitórios ocorreram com os termos *magnitude*, *estrelas C*, *estrela anã*, *exoplaneta*, *sistema extra-solar*, *aglomerado galáctico*, *early-type star*, entre outros.

A fase de redação das definições no trabalho terminológico espelha a dinamicidade das significações que, bem se sabe, é inerente à natureza da própria linguagem. Muitas vezes, buscam-se configurações homogêneas, que enquadrem os traços definitórios de forma retilínea a partir de um sistema hierárquico preciso e linear. É importante considerar que esse sistema se constitui, no entanto, por elementos de uma linguagem variável, complexa e inconstante.

A esse respeito, continua atual o argumento de Rey (1995) quanto ao lugar das definições terminológicas, o qual, para o autor, está longe de ser elucidado: se a definição deve, do ponto de vista teórico, expressar as características relevantes do termo e, ao mesmo tempo, ser intercambiável com ele, cada conceito deveria ser construído de forma clara e unívoca e, portanto, só poderia se associar a um termo neutro e a um sistema terminológico perfeitamente coerente e consistente. Na prática, entretanto, tal idealismo não procede. A definição terminológica não reproduz e nem representa o método constitutivo das classes de seres e o funcionamento do sistema conceitual, mas apenas o reflete.

Nesse sentido, as denominações e as definições são inerentes à comunidade científica que as estabelece, e dependem da conjuntura em que se encontra o conhecimento em determinado momento. Por isso, como vimos, não é neutra a decisão a respeito das informações mais ou menos relevantes que devem se apresentar em uma definição e, mesmo a partir de propostas de configurações estruturais, determinadas

categorias de termos irão exigir estruturas definitórias específicas. É necessário considerar, na elaboração de definições terminológicas, contextos e situações de uso, bem como a interferência de um sujeito “agente”. Os termos que parecem ter objetividade científica são também marcados pelo momento histórico e pelo paradigma em que se encontra determinada ciência, principalmente no que concerne a conceitos de objetos recém-descobertos (que, na realidade, são recém-criados).

Referências

ALPÍZAR CASTILLO, R. **¿Cómo hacer un diccionario científico técnico?** Buenos Aires: Unión Latina; Memphis, 1997.

BARROS, L. A. **Conhecimentos de Terminologia geral para a prática tradutória.** São José do Rio Preto: NovaGraf, 2007.

BARITÉ, M. La definición terminológica. In: CATALÁ, S. A.; BARITÉ, M. (Coord.). **Teoría y praxis en terminología.** Montevideo: Universidad de la República, 2017.

BÉDARD, J. **Guide pratique de rédaction de définitions terminologiques.** Québec : Office de la Langue Française, 2008.

CABRÉ, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones.** Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

FINATTO, M. J. B. O papel da definição de termos técnico-científicos. **Revista da ABRALIN**, v. 1, n. 1, p. 73-97, jul. 2002.

JUNQUEIRA, T. C. **Determinação da curva de rotação galáctica e estudo do mínimo próximo a R_p.** Dissertação (Mestrado em Astronomia) – Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MELLO, S. F. **A nova definição de planeta.** Disponível em: <<http://www.astro.iag.usp.br/~dinamica/iau-planeta.html>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

OLIVEIRA FILHO, K. S.; SARAIVA, M. F. O. **Astronomia e Astrofísica.** Porto Alegre: Editora Livraria da Física, 2017. 2.ed. 557p. il. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

REY, A. **Essays on Terminology.** Translated by Juan C. Sager. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

ROCHE, C. Faut-il revisiter les principes terminologiques? In: DEUXIEME CONFERENCE TOTH. **Actes...** Annecy: Institut Porphyre, 2008.

SAGER, J. C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología.** Trad. castelhana: Laura C. Moya. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez/Pirámide, 1993.

THOIRON, P. et al. Notion d’« archi-concept » et dénomination. **Meta**, v. 41, n. 4, dez. 1996, p. 512-524. <https://doi.org/10.7202/004486ar>.